
PESQUISA-AÇÃO SOB A ÓTICA DE RENÉ BARBIER E MICHEL THIOLLENT: APROXIMAÇÕES E ESPECIFICIDADES METODOLÓGICAS

Laudelino Luiz Castro Tanajura
(Universidade Tiradentes – UNIT)

Ada Augusta Celestino Bezerra
(Universidade Tiradentes – UNIT)

Resumo: Este trabalho de cunho bibliográfico baseia-se na interpretação da obra de dois importantes autores, René Barbier e Michel Thiollent, que defendem a utilização da metodologia da pesquisa-ação em situações para as quais o alcance das pesquisas tradicionais não contempla de forma satisfatória as problemáticas que envolvem grupos específicos de sujeitos sob uma ótica microsocial. É nessa conjectura que apresentamos alguns conceitos do que vem a ser pesquisa-ação, o seu papel metodológico e o importante papel do pesquisador, seu envolvimento e a sua contribuição na elucidação de problemas em grupos investigados, distinguindo a postura metodológica dos dois teóricos: um como existencialista e outro como político-social. Como conclusão, apontamos a necessidade de se colocar a pesquisa-ação como um modelo aberto e dialético de investigação que se situa e organiza-se em torno dos sujeitos de um determinado grupo sobre seu (s) problema (s) cotidiano (s), produzindo saberes e transformando a realidade.

Palavras-chave: Metodologia da pesquisa-ação. Investigação. Transformação.

THE STUDY-ACTION FROM THE PERSPECTIVE OF RENÉ BARBIER AND MICHEL THIOLLENT: METHODOLOGICAL APPROACHES AND SPECIFICITIES

Abstract: This bibliographical study is based on the interpretation of the work of two important authors, René Barbier and Michel Thiollent, who defend the use of the study-action methodology in situations where the scope of the traditional studies do not satisfactorily contemplate the problems that involve specific groups of subjects from a micro-social point of view. It is within this conjecture that we present a few concepts of what a study-action is, its methodological role and the important role of the researcher, his/her involvement and contribution in elucidating problems in groups under investigation, distinguishing the methodological approach of the two theoreticians as existentialist and the other as political-social. In conclusion, we point out the need to place the study-action as an open and dialectic model of investigation, which lies and is organized around the subjects of a certain group regarding their everyday problem (s), producing knowledge and transforming reality.

Keywords: Study-action methodology. Investigation. Transformation.

Introdução

A pesquisa-ação surgiu aproximadamente há mais de sessenta anos, e foi utilizada inicialmente nos Estados Unidos, por Kurt Lewin, durante a segunda guerra mundial, sendo posteriormente desenvolvida pelo mundo como uma abordagem específica em Ciências Sociais. Esse tipo de pesquisa consiste em uma metodologia que propõe uma ação deliberada de transformação de realidades, trazendo em seu arcabouço uma dupla proposta como objetivo: a transformação da realidade investigada e a produção do conhecimento.

No primeiro caso, temos como objetivo prático a contribuição para o melhor equacionamento do problema considerado como central na pesquisa, detectado por meio de levantamentos e indagações junto aos sujeitos investigados, culminando com propostas de soluções correspondentes às necessidades apresentadas, justificando assim a ação transformadora.

No segundo, o objetivo é obter informações que seriam de difícil acesso e/ou constatação por meio dos procedimentos convencionais, tais como: reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc. Essas informações passam a compor um banco de dados no qual as informações podem ser acessadas e utilizadas posteriormente para outros fins.

A utilização da pesquisa-ação é feita sobre a concepção epistemológica de transformação das pesquisas em Ciências Sociais, como uma metodologia específica para indivíduos ou pequenos grupos. Ela se apresenta como um instrumento de trabalho e investigação de grupos ou coletividades de pequeno ou no máximo médio porte, ou seja, atuando sobre uma visão microssocial. No intuito de evitar equívocos quanto a sua abrangência, Thiollent (2009, p. 10) deixa claro o real alcance da pesquisa-ação, ao afirmar: “[...] os limites de sua pertinência e à faixa intermediária entre o que é geralmente designado como microssocial (indivíduos ou pequenos grupos) e macrossocial (sociedade, entidades de âmbito nacional ou internacional)”.

Segundo Barbier (2002) já há muito tempo, uma primeira corrente em Ciências Sociais havia se distanciado da Sociologia clássica de tendência francamente positivista, propondo uma sociologia do acontecimento ou da cotidianidade, uma sociologia e uma antropologia do sentido simbólico da vida, uma sociologia da socialidade, na qual a dimensão dionisíaca (meio de exploração

social e cultural, integrando a arte) da vida coletiva não está excluída da pesquisa.

A pesquisa-ação pode se firmar, nesse extremo, como transpessoal e ir além, ao mesmo tempo em que as integra, das especificidades teóricas das Ciências Antropossociais e dos diferentes sistemas de sensibilidades e de inteligibilidades propostas pelas culturas do mundo. (BARBIER, 2002, p. 18).

É nessa concepção que a pesquisa-ação pergunta sobre o lugar do homem na natureza e sobre a forma de organização que lhe dá sentido e significância no contexto social do grupo a que pertence.

Conceitos e finalidade da pesquisa-ação

Para Barbier (2002), a “pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar sua práxis.” Ou seja, com o intuito de transformar sua conduta no uso de uma ação transformadora.

Sob a ótica existencialista de René Barbier (2007), a metodologia da pesquisa-ação não trata de uma simples transfiguração metodológica da sociologia clássica, mas de uma transformação na forma de se conceber e fazer pesquisa em Ciências Humanas, na qual o cotidiano não é excluído do processo de construção do conhecimento, tanto pelo pragmatismo quanto pela insistência no hábito do conhecimento dos sujeitos envolvidos. Sob o fato de sua pesquisa ser existencialista, o autor afirma: “É verdade que meu tipo de pesquisa-ação é peculiar, e eu o defino como existencial” (BARBIER, 1983, apud. BARBIER, 2002, p. 67).

O uso da pesquisa-ação surgiu da lacuna existente entre teoria e prática, com a característica de poder intervir no decorrer do processo de forma inovadora e não apenas como mais uma metodologia, cuja recomendação se dá ao final de uma pesquisa. Ela consiste em organizar a investigação em torno da concepção do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada. Na visão de Barbier (2002), a pesquisa-ação é criada em uma situação de dinâmica social radicalmente diferente das utilizadas em pesquisas tradicionais, conforme destaca, ao referir-se ao processo de radicalização epistemológica da pesquisa-ação, o que, segundo o autor, “[...] deve permitir aos participantes expressarem a

percepção que têm da realidade do objeto de sua luta ou de sua emancipação” (BARBIER, 2002, p. 57). Na sua perspectiva,

O processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto, e os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores. A pesquisa-ação utiliza os instrumentos tradicionais da pesquisa em Ciências Sociais, mas adota ou inventa outros. (BARBIER, 2002, p.56).

Para Thiollent (2009), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com função política, associada a uma ação ou a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, em que as pessoas implicadas possuem algo a ‘dizer’ ou ‘fazer’, além da preocupação de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado. Ainda esclarece que: “A função política da pesquisa-ação é intimamente relacionada com o tipo de ação proposta e os atores considerados. A investigação está valorativamente inserida numa política de transformação” (THIOLLENT, 2009, p. 47).

Sob a ótica político-social, Thiollent (2009, p. 75) afirma que “[...] para corresponder ao conjunto dos seus objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação.” Ele aponta, ainda, as áreas de aplicação da pesquisa-ação, a saber: educação; comunicação; serviço social; desenvolvimento rural; práticas políticas; difusão de tecnologia; etc. No entanto, chama a atenção para a possibilidade de utilização da metodologia em áreas mais técnicas, entre elas, engenharia de produção; arquitetura; ergonomia; ergonomia.

Embora a definição a seguir deixe em aberto a questão valorativa, por não se referir a uma orientação predeterminada da ação ou a um predeterminado grupo social, o autor observa que:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2009, p. 16).

Para Barbier (2002), o “[...] novo rumo da pesquisa-ação radicaliza completamente os procedimentos por um prolongamento das dimensões pessoais e comunitárias,” alcançando novas concepções que “[...] assumem plenamente a dimensão filosófica da

existência humana requalificada” o que faz com ela seja “[...] sem dúvida muito mais praticada [...] nas diversas socialidades do presente que tecem as redes dessa “tribalização do mundo” da modernidade.” (BARBIER, 2002, p. 63).

Na perspectiva de Thiollent (2009) “[...] quando se consegue mudar algo dentro das delimitações de um campo de atuação de algumas dezenas ou centenas de pessoas, tais mudanças são necessariamente limitadas [...]”. Isso porque o sistema social nunca é alterado para sempre, pois as modificações ocorrem na consciência de algumas pessoas, o que pode gerar “confusão a respeito do real alcance da pesquisa-ação quando é aplicada em campos de pequena ou média dimensão.” (THIOLLENT, 2009, p. 47)

A justa apreciação do alcance das transformações associadas à pesquisa-ação não passa por critérios únicos. Cada situação é diferente das outras. Quando as ações adquirem uma dimensão objetiva de fácil identificação (por exemplo: produção, manifestação coletiva etc.), os resultados podem ser avaliados em termos tangíveis: quantidade produzida, número de pessoas mobilizadas etc. A ação é acoplada à esfera dos fatores subjetivos e, portanto, faz-se mister distinguir vários graus na tomada de consciência. (THIOLLENT, 2009, p. 47)

Apesar dos autores aqui apresentados possuírem óticas diferentes (existencialismo e político-social respectivamente) sobre pesquisa-ação, os conceitos utilizados por ambos nos remetem à reflexão sobre a forma metodologia de se fazer pesquisa, cujos resultados efetivamente contribuam para a elucidação de problemas reais dos sujeitos que compõem o objeto da pesquisa, reconhecendo-os como indivíduos ativos que influenciam de várias maneiras as decisões tomadas sobre as questões que os afligem. A pesquisa-ação busca contribuir para formação do sujeito participativo e autônomo dentro do grupo a que pertence, colocando-o a par dos resultados obtidos com a pesquisa, não somente ao seu final, mas durante todo processo de investigação (DESROCHE, 2006).

Papel metodológico da pesquisa-ação

As Ciências Sociais têm um importante papel metodológico a desempenhar na organização de sua prática e na sua conduta, isso porque seu caráter implica a resolução de problemas que envolvem

uma série de fatores. Para Grawitz (1993) todas as técnicas em Ciências Sociais “são suscetíveis de serem empregadas numa pesquisa-ação.” (GRAWITZ, 1993, apud, BARBIER, 2002, p. 125). Elas estudam os aspectos sociais do viver humano individualmente ou em grupo; nesta perspectiva, também se inclui a antropologia, economia, arqueologia, administração, história, contabilidade, filosofia social, direito, ciência política, serviço social, ciências agrárias, etc.

Já as Ciências Humanas tratam dos aspectos do ser humano como indivíduo e suas produções culturais humanas, como as artes, as letras e a filosofia, etc., considerando o homem de forma intrínseca, ao mesmo tempo dissociado do universo do qual faz parte e autor de representações subjetivas sobre ele. As Ciências Sociais estão voltadas para o estudo do homem em sociedade e, sob este aspecto, Barbier (2002, p.14) afirma que [...] “as metodologias tradicionais em ciências sociais devem ser retomadas, desenvolvidas e reinventadas sem cessar no âmbito da pesquisa-ação.”

Nessa perspectiva, convém indagar o que é metodologia, e o que a diferencia do método e da técnica, que são termos erroneamente associados à definição de pesquisa-ação?

Na concepção de pesquisa-ação, podemos identificar e diferenciar o método (efetivo) e a técnica, como sendo informação ou conhecimento e a metodologia como sendo meta-informação ou meta-conhecimento. Seguindo essa linha de pensamento, Thiollent (2009, p. 27-28) nos explica que: “A metodologia é entendida como disciplina que se relaciona com a epistemologia ou a filosofia da ciência”, esclarecendo ainda que o objetivo da metodologia “[...] consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis”; para tanto, é necessário avaliar suas capacidades, limitações ou distorções, criticando os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Ainda sobre o tema, afirma:

A preocupação metodológica dos pesquisadores permite apontar esses riscos e criar condições satisfatórias para uma combinação de técnicas apropriadas aos objetivos da pesquisa. Mesmo quando as distorções introduzidas pelo uso das técnicas não podem ser corrigidas, a simples evidência metodológica da sua existência já constitui um aspecto altamente positivo, podendo inclusive ser aproveitado na avaliação qualitativa do grau de objetividade alcançado. (THIOLLENT, 2009, p. 29).

Com relação à metodologia da pesquisa-ação, Barbier (2002) comenta sobre a criação de uma situação que envolve uma

dinâmica social radicalmente diversa da utilizada pela pesquisa convencional. Para ele, o “[...] processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto” em que todos os membros do grupo colaboram. Na pesquisa-ação, os dados são retransmitidos à coletividade. Ao mesmo tempo, busca-se conhecer as percepções dos sujeitos sobre a realidade investigada, com o objetivo de orientá-los sobre a avaliação mais apropriada dos problemas detectados, visando redefinir o problema e apontar novas soluções (BARBIER, 2002, p. 55 e 56).

[...] a pesquisa clássica utiliza a estatística para verificar a correlação entre variáveis. Se a análise for qualitativa, ela é desde o início complexa e reservada somente aos profissionais da pesquisa. Isso também ocorre com a interpretação feita de modo isolado. Na pesquisa-ação, a interpretação e a análise são o produto de discussões de grupo. Isso exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa-ação – a opinião – impõe à comunicação dos resultados da investigação a análise de suas reações. (BARBIER, 2002, p. 55).

Thiollent (2009) ao referir-se à metodologia da pesquisa-ação, afirma que ela pode ser vista como um modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática, desde que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação em observação. A metodologia, portanto, exerce um papel norteador nas atividades dos pesquisadores, auxiliando-os na tomada de decisões quanto aos procedimentos e resultados da investigação.

[...] no desenvolvimento da pesquisa-ação, os pesquisadores recorrem a métodos e técnicas de grupo para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação e também técnicas de registro, de processamento e de exposição de resultados. [...] o papel da metodologia consiste em avaliar as condições de uso de cada uma das técnicas. As características de cada método ou de cada técnica podem inferir no tipo de interpretação dos dados que produzem. (THIOLLENT, 2009, p. 29).

O papel metodológico da pesquisa-ação consiste em tentar elucidar, de forma eficiente e eficaz, problemáticas as quais os métodos tradicionais efetivamente não conseguem contemplar. Seu papel também consiste no controle detalhado de cada técnica auxiliar que venha a ser utilizada no grupo social investigado. Cabe ressaltar que toda metodologia deve ser vista como forma de orientar o pesquisador no processo de investigação, considerando ainda que, no decorrer do seu desenvolvimento, o pesquisador

possa recorrer a métodos e técnicas para lidar com a dimensão investigativa, registro, processamento e exposição de resultados.

O envolvimento do pesquisador na pesquisa-ação

A utilização da pesquisa-ação como metodologia de trabalho requer do pesquisador um envolvimento efetivo com os sujeitos que compõem o objeto a ser investigado, o que requer uma postura autônoma por parte do pesquisador. Ao mesmo tempo em que seu trabalho implica uma ação que o conduz a reconhecer sua parte fundamental na vida afetiva e no imaginário de cada indivíduo do grupo. É nessa perspectiva que Barbier (2002, p. 14) afirma que:

A pesquisa-ação obriga o pesquisador de implicar-se. Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo.

No tocante à autonomia do pesquisador e singularidade da pesquisa, o autor deixa claro que:

O pesquisador em pesquisa-ação não é nem um agente de uma instituição, nem um ator de uma organização, nem um indivíduo sem atribuição social; ao contrário, ele aceita eventualmente esses diferentes papéis em certos momentos de sua ação e de sua reflexão. Ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso. (BARBIER, 2002, pg. 19).

Thiollent (2009), por sua vez, nos ensina que:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas [...] que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada [...] necessária para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação. (THIOLLENT, 2009, p.17 e 18).

Essas reflexões apontam a pesquisa-ação como pertencente à categoria da formação de um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas pelo sentido de desenvolvimento do potencial humano, visando não separar o pesquisador, do pensamento e da ação, dos fatos e dos valores, evitando assim o seu afastamento da responsabilidade com as questões humanas

que envolvem os sujeitos da pesquisa. Thiollent (2009, p. 12) afirma que “Há um crescente descompasso entre o conhecimento usado na resolução de problemas reais e o conhecimento usado apenas de modo teórico [...]”.

A pesquisa-ação é a revolta contra a separação dos ‘fatos’ e dos ‘valores’ que dá um sabor particular à noção de objetividades das Ciências Sociais. É um protesto contra a separação do ‘pensamento’ e da ‘ação’ que é uma herança do *laisser-faire* do século 19. É uma tentativa desesperada de transcender a estéril especialização das Ciências Sociais com seu implícito repúdio da responsabilidade humana para com os acontecimentos sociais (DUBOST, 1987, p. 136, apud, BARBIER, 2002, p. 37 e 38).

Diante dessa visão, pode-se concluir que a pesquisa-ação é existencial, integral, pessoal e comunitária, o que possibilita entender o porquê da pesquisa-ação não poder se alicerçar unicamente nas Ciências Sociais. Este pensar ganha uma dimensão filosófica da existência humana, requalificando-a, sobre uma visão existencialista somente encontrada nas Ciências Humanas (VIEIRA PINTO, 1979). Mas, não obstante as semelhanças de abordagens, o paradigma do pesquisador falará mais alto e refletirá sua visão de mundo, em especial da educação, o que nos faz concordar com Zeichner; Diniz (2005) quando analisam as diferentes formas de implementação da pesquisa-ação, refletindo distintos compromissos políticos.

As hipóteses lançadas pela ciência sobre o conhecimento e suas mudanças foram, tradicionalmente, o de descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador a condição de observador neutro e objetivo. Isso, de certa forma, o distanciava da possibilidade de exercer qualquer tipo de ação sobre aspectos investigativos de cunho social.

[...] a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. Ela está mais interessada no conhecimento prático do que no conhecimento teórico. Os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer sua realidade do que as pessoas que não pertencem ao grupo. A mudança na pesquisa clássica, quando há lugar para isso, é um processo concebido de cima para baixo. Os resultados não são comunicados aos sujeitos, mas remetidos aos que têm poder de decisão, iniciadores da mudança programada. A produção de conhecimento pode ser independente e distinta do progresso social. Contrariamente, a pesquisa-ação postula que não se

pode dissociar a produção de conhecimento dos esforços feitos para levar à mudança. O que impõe manter temas dos trabalhos de pesquisa que sejam de interesse deles. (BARBIER, 2002, p. 53).

Os sujeitos investigados não querem ser vistos como ratos de laboratório, mas como indivíduos ativos e interessados em compreender o seu papel e a decidir sobre os acontecimentos e mudanças do seu meio. Essa nova conjuntura recusa a neutralidade das pesquisas requeridas por um cientificismo positivista, recusando dessa forma o afastamento e a frieza onisciente do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo; os sujeitos alvos da pesquisa querem um retorno dos resultados obtidos. Barbier (2002, p. 66) afirma que “As formas de pesquisa da cientificidade habitual nas universidades estão longe de propor esse tipo de competência que requer uma leitura múltipla, multirreferencial das situações humanas.” Contribuindo com essa perspectiva, Thiollent (2009, p.12-13) afirma que “No conjunto do processo da investigação e da ação, a argumentação (ou deliberação) desempenha um papel fundamental.” Para Barbier (2002).

Não há pesquisa-ação sem participação coletiva. É preciso entender aqui o termo ‘participação’ epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária. (BARBIER, 2002, p. 70 e 71).

Essa visão trata de reconhecer o outro como sujeito detentor de desejo, intenção e possibilidades de participar solidariamente no existir coletivo. Para Barbier, (2002, p. 71). “Na pesquisa-ação existencial, trata-se de dar um status epistemológico e heurístico, no grupo, para e pelo grupo envolvido [...]”

Já Thiollent (2009, p. 11) aponta que “Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, [...]”. As ações só podem se manifestar de forma estruturada se os indivíduos estiverem envolvidos de forma consciente nas questões que lhes dizem respeito.

O pesquisador que se propõe a utilizar a pesquisa-ação deve ter a preocupação de ser compreendido pelos sujeitos que compõem o objeto investigado. Barbier (2002, p. 125) assevera que

o pesquisador “[...] é obrigado a conhecer as possibilidades imaginárias das pessoas em função da própria cultura delas e de propor-lhes mecanismos de investigação apropriados.” Pois é por meio da pesquisa-ação que ocorrem as interpretações da realidade observada em que as ações transformadoras são objetos de deliberação. Os resultados da pesquisa são transmitidos aos sujeitos, para que possam participar da tomada de decisões de forma consciente.

Ao investigar o tema Thiollent (2009, p. 18) nos mostra que:

A participação dos pesquisadores é explícita dentro da situação de investigação, com os cuidados necessários para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação. Além disso, a participação dos pesquisadores não deve chegar a substituir a atividade própria dos grupos e suas iniciativas. [...] Com a pesquisa ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Diante do exposto mesmo sobre óticas distintas, fica claro que a pesquisa-ação envolve a participação dos sujeitos (pesquisador e pesquisados) implicados nos problemas investigados de forma consciente e autônoma. E que os esforços devem ser conduzidos de forma elaborada sobre o problema investigado. Ela deve ser vista como estratégia de pesquisa a ser utilizada como modo de conceber e organizar uma pesquisa social de finalidade prática em acordo às exigências próprias da ação, e com a participação de todos os atores da situação observada, com o intuito maior de elucidar uma problemática apresentada.

Conclusão

Apesar de ambos os autores defenderem a utilização da pesquisa-ação como metodologia de pesquisa, convém deixar claro que os mesmos possuem posturas metodológicas diferentes. A ótica de Barbier deixa explícita a questão “existencialista” da pesquisa-ação, o que segundo ele se justifica por se tratar de temas muito enraizados na afetividade humana como o amor, o nascimento, a paixão, a velhice, etc. Para Thiollent, entretanto, a pesquisa-ação tem a função ‘político-social’ intimamente relacionada ao tipo de ação proposta e aos atores considerados. Para ele a investigação está valorativamente inserida numa política de transformação da realidade material de vida.

No tocante ao papel metodológico, a pesquisa-ação evidenciou-se a tentativa de elucidar, de forma eficaz, problemáticas as quais os métodos tradicionais efetivamente não conseguem contemplar. Seu papel consiste no controle detalhado de cada técnica auxiliar que venha a ser utilizada no grupo social investigado. Cabe ressaltar que toda metodologia deve ser vista como forma de orientação para o pesquisador no processo de investigação, considerando que, no decorrer do seu desenvolvimento, o pesquisador recorre a métodos e técnicas para lidar com a dimensão investigativa, registrando, processando e expondo os resultados.

Quanto ao envolvimento do pesquisador, ficou claro que a pesquisa-ação envolve a participação dos sujeitos implicados nos problemas investigados de forma consciente e autônoma. E que os esforços devem ser conduzidos de forma elaborada sobre o problema investigado. Além disso, a pesquisa-ação deve ser vista como estratégia de pesquisa a ser utilizada como modo de conceber e organizar uma pesquisa 'existencialista ou político-social', de finalidade prática, em acordo às exigências próprias da ação e com a participação de todos os atores da situação observada, com o intuito maior de elucidar uma problemática apresentada.

Mesmo com as diferenças apresentadas entre os dois autores, é possível concluir nessa perspectiva que o objeto final da pesquisa-ação reside em uma mudança de atitude dos sujeitos (pesquisador e pesquisados) com relação à sua realidade e da própria realidade. Evidencia-se que não se trata de nenhuma panaceia ou mudança milagrosa, mas de uma mudança social e pessoal (na forma de se pensar e fazer pesquisa), cujos resultados poderão contribuir, de forma permanente e constante, dentro da realidade dos grupos pesquisados.

Ao analisarmos as interrogações a respeito da pesquisa-ação e de sua influência sobre os sujeitos, refletimos que essa não cria o homem, mas o ajuda a olhar para si mesmo como responsável pelo desenvolvimento da sua própria história. A pesquisa-ação, sem dúvida, favorece o imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana, o seu amadurecimento e a descoberta do seu entendimento sobre a realidade, ao mesmo tempo em que se abre para a filosofia de vida e para as dimensões particulares da natureza humana.

Concluimos, dessa forma, que é preciso colocar a pesquisa-ação como um modelo aberto e dialético que se situa e organiza-se em torno dos sujeitos de um determinado grupo,

colocando-os como partícipes na resolução dos problemas que os afligem, servindo de guia para o pesquisador como instrumento de ação transformadora da realidade dos indivíduos em sociedade e da sua própria posição enquanto sujeito ativo dessa mudança.

Referências

ALMEIDA, M. L. *Uma análise da produção acadêmica sobre os usos da pesquisa-ação em processos de inclusão escolar: entre o agir comunicativo e o agir estratégico*. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim (Coord). In: *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p.168-199.

BARBIER, R. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DESROCHE, H. Pesquisa-ação: dos projetos dos autores aos projetos de atores e vice-versa. In: THIOLENT, M. (Org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos: EdUFSCar, 2006, p. 33-68.

THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. v. 20. Série Rumos da Cultura Moderna.

ZEICHNER, K. M.; PEREIRA-DINIZ, J. E. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. In: *Cadernos de pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 63-80, maio/ago. 2005.

Sobre os autores:

Laudelino Luiz Castro Tanajura é Mestrando em Educação CAPES/PROSUP/PPDE/Unit/SE; Pós-graduado em Didática e Metodologia do Ensino Superior NPEX/FSLF/SE; Professor contratado do Instituto Federal de Sergipe – IFS. Membro do Grupo de Pesquisa

Ada Augusta Celestino Bezerra possui Pós-doutoramento em Educação pela Universidade de Lisboa (Portugal). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes.

Recebido em: 30/11/2014

Aceito para publicação em: 03/02/2015